

## Música, neofascismos e a Nova História Política: Uma análise sobre a presença do *Hate Rock* no Brasil (1990-2010)

---

Pedro Carvalho Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem o objetivo de analisar a presença dos fascismos no Brasil entre os anos de 1990 e 2010, atentando para as suas características específicas diante de um contexto sócio-político específico. Observaremos como neste período de 20 anos, alguns discursos representativos dos fascismos atuais se adaptaram ao cenário brasileiro e suas transformações. Para tanto, utilizaremos o *Hate Rock* como lugar capaz de nos fornecer as fontes necessárias à análise proposta. Este gênero musical cumpre a função de difusor de discursos fascistas no tempo presente, constituindo-se em um mecanismo de ação política entre os movimentos adeptos destas ideologias. Perceberemos isto por meio da leitura das letras de quatro diferentes bandas: “Brigada NS” (São Paulo) e “Defesa Armada” (São Paulo), “Comando Blindado” (Rio Grande do Sul) e “Bandeira de Combate” (Bahia). Mostraremos como esta análise, apesar de adotar um objeto menos convencional, necessita de suportes considerados mais tradicionais a fim de dar profundidade às nossas conclusões.

**Palavras chave:** Hate Music, neofascismos, Nova História Política.

### Music, neofascisms and New Political History: An analysis of the presence of Hate Rock in Brazil (1990-2010)

**Abstract:** This article aims to analyze the presence of fascism in Brazil between 1990 and 2010, paying attention to its specific characteristics on a specific socio-political context. In this 20-year period, some representative discourses of fascism were adapted to the Brazilian scenario and its transformations. Therefore, we will use the Hate Rock as a place able to provide us sources needed in this study. This musical genre acts as a diffuser function for fascist speeches at the present time, thus becoming a political action mechanism between the supporters of these movements ideologies. This analysis will refer to the reading of four different bands lyrics: "Brigada NS" (São Paulo) and "Defesa Armada" (São Paulo), "Comando Blindado" (Rio Grande do Sul) and "Bandeira de Combate" (Bahia).

**Keywords:** Hate rock; neofascisms; New Political History.

Artigo recebido em 07/11/2014 e aceito em 25/11/2014

# MÚSICA, NEOFASCISMOS E A NOVA HISTÓRIA POLÍTICA: UMA ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DO *HATE ROCK* NO BRASIL (1990-2010)

PEDRO CARVALHO OLIVEIRA

## Introdução

Desde as jornadas de junho de 2013, o Brasil vive um momento de intensos debates sobre seu sistema político. Milhares de pessoas foram às ruas protestar contra a deterioração de serviços públicos, o descaso com a mobilidade, a ostensiva atuação da polícia e a omissão do Estado perante estes fatores. A isto, somaram-se grupos em defesa das identidades minoritárias, contra o racismo, a homofobia, enfim... As vozes foram plurais e a proposta de uma reforma política foi finalmente posta em pauta.

Os resquícios de autoritarismo fascistizado existentes ainda hoje, atuantes na época do regime civil-militar, foram duramente questionados nestas manifestações depois de muito tempo sem interferências ativas da sociedade.<sup>II</sup> Foi comum, então, a opinião pública atribuir a liderança das passeatas a movimentos sociais de esquerda. Embora esta possa ser uma breve verdade, se engana quem acredita que somente a esquerda militou no bojo das marchas e nas manifestações que seguiram depois de junho.

A nova Marcha da Família com Deus Pela Liberdade, realizada em março de 2014, na cidade de São Paulo, em homenagem aos 50 anos da primeira versão que dava apoio ao golpe de 1964, desmente esta crença. A réplica, organizada em meio à reverberação dos acontecimentos de junho, evidencia uma parte da sociedade brasileira simpática aos ideais políticos militares em contraposição à política feita no país hoje. Ideais estes que são autoritários e repressivos, dentre muitas outras coisas. Antes da nova marcha, em 2011, o deputado Jair Bolsonaro, simpatizante do regime, já havia conquistado um público muito específico.

Foi na manhã do dia 09 de abril daquele ano, no vão do MASP, em São Paulo, que um grupo de skinheads fascistas se uniu num ato em defesa do deputado,<sup>III</sup> que frequentemente se mostra a favor de políticas que restringem direitos a homossexuais, imbuído de posições racistas, militaristas e mesmo nacionalistas. Nenhuma surpresa no ato, haja vista que aqueles skinheads defendiam posições semelhantes.

Estes grupos ganham força em momentos como o que vivemos. Em um mapeamento realizado pelo Laboratório de Estudos Sobre Imagem e Cibercultura (Labic, Espírito Santo), vemos de que modo o Facebook vem sendo utilizado como meio de divulgação para “páginas de ódio” surgidas – ou alimentadas com maior fervor - depois das manifestações, defendendo a segurança e a paz através da força policial, militar, das armas e da intolerância contra os “degenerados”.<sup>IV</sup> Ainda que não sejam páginas criadas e abastecidas por skinheads fascistas, os milhares de compartilhamentos de mensagens que cultuam o ódio a qualquer um que ameace o conservadorismo por elas apoiado, comprovam uma demanda a este conteúdo. Para os skinheads militantes da extrema-direita, a existência dessa demanda pode lhes garantir legitimidade.

Alguns discursos semelhantes aos encontrados nas páginas vasculhadas pela pesquisa citada, podem ser encontrados em um dos principais meios de difusão ideológica dos skinheads fascistas: a música. Mais especificamente, em um gênero próprio, o *Hate Rock*. Este gênero reflete a intolerância fascista não apenas de seus músicos, mas do público que o consome. Suas letras são ricas fontes para a investigação

# MÚSICA, NEOFASCISMOS E A NOVA HISTÓRIA POLÍTICA: UMA ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DO *HATE ROCK* NO BRASIL (1990-2010)

PEDRO CARVALHO OLIVEIRA

que faremos, sobretudo pela ação política que almeja, ainda que seus executores nem sempre possuam planos políticos organizados.

Sobre o que é o *Hate Rock*, discutiremos no decorrer do trabalho. Isto será feito enquanto respondemos a uma questão: como o discurso presente nestas músicas podem nos servir para compreender a existência de grupos de skinheads fascistas no Brasil e como esta música pode ser compreendida como ferramenta política? Ao utilizarmos o *Hate Rock* como lugar para investigar fontes sobre os fascismos do presente, como eles se adaptaram ao contexto brasileiro e de que forma construíram sua identidade política, será possível elaborar um trabalho de abordagem histórica a um tema pouco conhecido.

Para tanto, utilizaremos as letras dos repertórios de quatro bandas de considerável expressão entre os skinheads brasileiros: “Brigada NS” e “Defesa Armada” (São Paulo), “Corrosão” (Rio Grande do Sul) e “Bandeira de Combate” (Bahia). Sua produção musical mais relevante, ainda que bastante escassa, é lançada entre os anos de 1990 e 2010, corte temporal estabelecido para esta análise. Tratam-se de duas décadas com diferentes contextos sócio-políticos para o Brasil, sendo eles importantes na elaboração dos conteúdos musicais.

Nos anos 1990, o Brasil testemunhou o crescimento das políticas neoliberais e projetos para uma “nova” democracia, ao passo em que deixava um longo período de ditadura civil-militar. Em meio a este sistema, a diminuição da participação do Estado provocou o surgimento de novos agentes políticos civis obrigados a “assumir as responsabilidades sociais evitadas agora pelo Estado neoliberal em processo de encolhimento”.<sup>V</sup> Estes agentes políticos organizados em movimentos sociais atuam ideologicamente em defesa de seus interesses. Em alguns casos, os movimentos políticos defendem causas extremistas, como alguns dos grupos envolvidos com as bandas que serão estudadas.

Sabemos que os fascismos clássicos, tanto na Itália quanto na Alemanha, adotaram posições contrárias, embora dúbias, ao capitalismo liberal e à esquerda socialista – à qual o Partido dos Trabalhadores, no governo desde 2002, é associado erroneamente por movimentos deste tipo. Por um lado, viam o capitalismo como um sistema que “jogara os homens uns contra os outros, numa competição desenfreada onde só uma coisa podia contar: o lucro privado”.<sup>VI</sup> Por outro, percebiam o socialismo como um elemento contrário à pátria, ao nacional.<sup>VII</sup>

A década de 2000 viveu também a ascensão da Internet como meio de comunicação doméstico no Brasil. Como consequência dessa popularização, “a rede deixou de ser um nicho de pesquisadores, militares e nerds e se converteu em produto atraente graças à rapidez, baixo custo e ampla penetração entre um público diversificado”.<sup>VIII</sup> Sem a Internet, principal terreno de disseminação do *Hate Rock* e onde se concentram seus distribuidores, esta pesquisa não poderia ser realizada de maneira tão cuidadosa, pois o ciberespaço é um meio que possibilita a organização e rápida propagação deste material.

Estas vantagens são aproveitadas por grupos fascistas na divulgação de material panfletário como a música. Se pensarmos que mais de 60 anos após o fim dos regimes fascistas na Itália e Alemanha ainda existem adeptos de suas ideologias, adaptando-as aos recursos do presente, teremos em vista uma rica possibilidade de debate.

# MÚSICA, NEOFASCISMOS E A NOVA HISTÓRIA POLÍTICA: UMA ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DO *HATE ROCK* NO BRASIL (1990-2010)

PEDRO CARVALHO OLIVEIRA

Perceberemos de que forma o *Hate Rock* se comporta ao dar direção a movimentos políticos e o papel dos jovens nesse processo. Estes jovens, em sua maioria skinheads, são agentes importantes para este estudo uma vez que funcionam como “soldados” em nome da causa e os principais consumidores e criadores do *Hate Rock*. Desde os anos 1930, tendo aqui como exemplo a Alemanha nazista, os jovens já ocupavam um papel importante. Hoje, no lugar dos acampamentos de jovens, os shows de *Hate Rock*. Já naquele tempo, “a filosofia da Juventude Hitlerista afirmava que jovens devem ser liderados por outros jovens”<sup>IX</sup>. Portanto, daremos atenção especial aos skinheads.

Por fim, este artigo objetiva, por meio do *Hate Rock*, debater a chamada Nova História Política de duas formas: primeiramente, mostrando diferentes tipos de abordagem e de objeto, uma vez que a música pode ser considerado pouco convencional neste aspecto. Em segundo lugar, perceber as fontes aqui utilizadas como parte das mudanças ocorridas nos métodos para o estudo da História Política com sua renovação, ao mesmo tempo em que dialogam com fontes escritas, consideradas mais comuns a este tipo de estudo. Com isto, pretendemos observar como é possível transitarmos entre o mais novo e o mais tradicional sem que a análise perca legitimidade.

## **Nacionalismo e xenofobia: Refazendo no presente o passado dos fascismos**

Quando os skinheads ganharam evidência na Inglaterra dos anos 1960, graças aos episódios de violência que protagonizavam nas ruas, tão explorados pela imprensa, não havia sinais de organizações fascistas em seus círculos. Eram jovens da classe operária, fanáticos por futebol e pela música jamaicana que chegava com força ao país.<sup>X</sup> Mas, segundo Craig O’Hara, já havia nesta época um forte vínculo destes com o nacionalismo que, no final dos anos 1970 - graças aos esforços de movimentos políticos da extrema-direita britânica, a exemplo do National Front e o British Movement -, tornou-se explícito.

Pouco depois desta época, por volta de 1981, engatinhavam movimentos de “carecas” no Brasil, a exemplo dos “Carecas do Subúrbio” e “Carecas do ABC”, formados em regiões tradicionalmente operárias de São Paulo. Ao contrário do que temos hoje, com o fluxo contínuo de informações graças, sobretudo, à Internet, os jovens brasileiros de 30 anos atrás recebiam as informações fragmentadas e, muitas vezes, distorcidas.<sup>XI</sup> Alguns acabariam contagiados pela crescente onda nacionalista que já impregnava os movimentos europeus.

A banda gaúcha “Comando Blindado”, em seu disco “Marchando Rumo à Vitória”, de 2006, lança a música “Luta Nacional”, faixa de número 11, que exemplifica o interesse dos skinheads pelo nacionalismo. Nela ouvimos:

Lutadores nacionalistas  
Não se importando com falsos ideais  
Sabendo se livrar dos malditos comunistas  
Com seus podres sindicatos e suas ideias banais.  
Sobrevivendo com o suor de seu rosto

# MÚSICA, NEOFASCISMOS E A NOVA HISTÓRIA POLÍTICA: UMA ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DO *HATE ROCK* NO BRASIL (1990-2010)

PEDRO CARVALHO OLIVEIRA

E acreditando num futuro melhor  
Levando no peito a pátria amada  
A honra alcançada com orgulho e suor.

Tão jovem  
Nacionalista!  
Lutando contra  
Os comunistas!

Em sua gênese, o fascismo vê o destino nacional como “histórico, porquanto constitui a profunda essência, a razão e a explicação da história de cada povo”.<sup>XII</sup> Edifica-se diante disto e em nome do nacionalismo elabora sua luta. Esta, na visão da banda, deve ser fundamentada, entre outras coisas, na destruição dos comunistas. Os fascistas, enquanto dotados de uma grande veia futurista, posicionavam-se de forma anti-socialista e antiliberal, políticas que representavam, segundo sua percepção, a decadência da modernidade<sup>XIII</sup> e, portanto, deveriam ser superadas.

Esta luta, afirmam ainda, deve ser liderada pelos jovens. Sendo o rock um gênero musical costumeiramente atribuído a estes<sup>XIV</sup>, opera como ferramenta de recrutamento, espécie de panfleto musicado, disseminando ideias e buscando adeptos, idealizando um sistema político livre do comunismo. Se pensarmos que a juventude, em especial o período entre 15 e 24 anos, é o momento em que o indivíduo segue em direção à maturidade, onde será obrigado a assumir responsabilidades frente a questões complexas, ele necessita de modelos, passa por transformações e monta, pouco a pouco, a sua personalidade.<sup>XV</sup>

Mas esta é uma juventude modernizada, com novos uniformes e novos recursos. Os panfletos que enalteciam o nacional-socialismo no início do século XX tornaram-se músicas e ganharam versões virtuais em MP3, estando a poucos cliques de um download. No lugar dos acampamentos de jovens, os shows de *Hate Rock*.

Para termos uma noção de sua importância entre os movimentos fascistas do tempo presente, basta mencionar o caso da banda francesa “Fraction Hexagone”. Depois que esta começou a utilizar em seu material gráfico o símbolo da *Schwarze Front*, de Otto Strasser<sup>XVI</sup> – um escudo negro com um martelo e uma espada cruzados -, influenciaram partidos políticos de extrema-direita franceses, como o “Unité Radicale”, a usarem o mesmo símbolo em panfletos e cartazes de campanhas políticas.<sup>XVII</sup>

O *Hate Rock* é um gênero musical pertencente aos fascistas do tempo presente, capaz não apenas de aproximar e unir os mais jovens em torno de uma mesma causa, mas também determinar os rumos que devem tomar em nome dela. Este rumo é guiado pela violência que é alimentada pelo ódio aos seus “inimigos”, como os comunistas. Os incentivos à prática da intolerância ganham as ruas e são, de fato, levadas a cabo pela audiência composta principalmente por skinheads jovens, em casos de espancamento e assassinato.

Estes crimes são cometidos em nome da “luta”, em nome da “nação”, a pátria como idealizam firmada com o suor do rosto dos trabalhadores na busca por um futuro melhor. Podemos entender que qualquer um que se oponha a isto é um inimigo para os

**MÚSICA, NEOFASCISMOS E A NOVA HISTÓRIA POLÍTICA: UMA  
ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DO *HATE ROCK* NO BRASIL (1990-2010)**

**PEDRO CARVALHO OLIVEIRA**

autores da música. Mas, os sindicatos, como os conhecemos, não são nacionalmente conhecidos como um instrumento de defesa dos direitos trabalhistas? Por que então são apontados como “podres” e dotados de “ideias banais”?

Eric Hobsbawn diz que “a ascensão da direita radical após a Primeira Guerra Mundial foi sem dúvida uma resposta ao perigo, na verdade à realidade, da revolução social e do poder operário em geral.”<sup>XVIII</sup> Os skinheads neofascistas, originados nas classes operárias e tributários de sua herança, ainda que muitos pertençam hoje a outras classes, rejeitam o viés socialista atrelado aos sindicatos. Num governo fascista estes sindicatos estariam mais próximos do Estado, manejados para servir seus interesses. Estariam mais próximos à “nação”.

A identidade nacionalista dos skinheads fascistas não se limita apenas à repulsa aos comunistas, mas também aos migrantes, o que pode ser comprovado neste trecho da música “São Paulo Para os Paulistas” (1995), da banda “Defesa Armada”:

Quando vejo nas esquinas  
Gente ruim e assassina  
Não são daqui, é meu palpíte  
A paciência passou do limite

Todo tipo de bandido  
Gente ruim aqui entrou  
Fomos bondosos, cordiais  
Nesse século que passou

A escala da “nação” é aqui reduzida a um território específico: o estado de São Paulo. Os “invasores” são apontados como uma ameaça, pessoas que não fazem parte deste território e são supostamente os responsáveis por crimes e ocorrências desagradáveis. São ainda acusados de traição, uma vez que os paulistas, representados pela banda, teriam sido “bondosos” e “cordiais” com aqueles que, em troca, teriam espalhado malefícios sociais diversos como os já apontados.

Voltamos à visão fascista sobre as alteridades, aqueles que não pertencem à nação, neste caso, transformada em um estado. A ideia é rechaçar os que são percebidos como responsáveis por qualquer crise, seja ela social ou econômica, buscando algum culpado. Ora, ninguém prejudicaria sua própria nação, pressupõem os autores da música. Não raramente a extrema-direita de hoje, valendo-se de uma visão herdada dos fascismos clássicos, atribui aos estrangeiros os motivos para estas crises<sup>XIX</sup>, desde a criminalidade até a falta de empregos. Buscando uma identidade regional ou local própria, ao se definirem por uma fronteira nacional, encontram um meio de dizerem que são melhores e diferentes dos “outros.”<sup>XX</sup>

Ao serem ouvidas por um jovem cuja formação intelectual ainda está inacabada, é possível que músicas como esta o convença de que algo precisa ser feito a este respeito. A revolta e o protesto, travestidas como algo legítimo, acabam por incentivar atitudes extremistas. O ódio ao “outro” passa a ser aceito como positivo, trazendo mais

# MÚSICA, NEOFASCISMOS E A NOVA HISTÓRIA POLÍTICA: UMA ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DO *HATE ROCK* NO BRASIL (1990-2010)

PEDRO CARVALHO OLIVEIRA

indivíduos para causas defendidas pelas bandas e os movimentos aos quais pertencem. Na ânsia de resolverem estes “problemas”, muitos se tornam skinheads.

Sabendo que a maioria das bandas do *Hate Rock* provém do Sul e Sudeste do Brasil, grande parte do ódio em suas letras é destinado aos migrantes nordestinos. Há mais de vinte anos, no dia 24 de setembro de 1992, skinheads defensores do nazismo invadiram o Centro de Tradições Nordestinas, em São Paulo. Lá deixaram pichações com suásticas e dizeres ofensivos aos nordestinos; funcionários foram agredidos, ameaçados e tiros teriam sido disparados<sup>XXI</sup>.

O Nordeste foi, ao longo de décadas, engessado como uma região pobre, vítima da seca e de condições naturais desfavoráveis ao seu crescimento, estereótipos reforçados até mesmo por artistas e intelectuais da região, em meio a uma disputa política, de proporções nacionais, ocorrida em um contexto específico: a crescente industrialização do país nos anos 1930.<sup>XXII</sup> No entanto, um dos resultados disto foi a perpetuação da crença falaciosa, por parte de um grande número de habitantes do Sul e Sudeste, de que os nordestinos eram geneticamente inferiores, o que se reproduziria em sua cultura. Esta crença é admitida entre os skinheads fascistas.

Este ódio aos nordestinos que muitas vezes pode ser apreendido por meio do discurso presente nas músicas do *Hate Rock*, como representante da intolerância praticada pelos skinheads neofascistas poderia ser facilmente revelado nas muitas notícias publicadas em jornais de grande circulação no país. Em 20 de abril de 1993, o jornal “Folha de São Paulo” noticiou o caso de um adolescente morador de rua assassinado por um skinhead de 16 anos, que justificou seu ato por defender “o extermínio de drogados, negros, nordestinos, homossexuais e prostitutas.”<sup>XXIII</sup> Ou seja, estaríamos fazendo uso de uma fonte mais tradicional para evidenciarmos os alvos da intolerância skinhead, como fizemos com a música. A partir dela poderíamos, por exemplo, buscar mais informações a respeito de cada um destes alvos e por que eles são tão odiados pelos jovens “carecas” neofascistas. Aqui, as notícias em jornais dão respaldo ao que é encontrado nas músicas.

Não é difícil pensarmos que diante do que foi apresentado seria impossível haver bandas fascistas no Nordeste. A banda “Bandeira de Combate”, da Bahia, nos mostra que não.

## As várias faces dos fascismos brasileiros

Começemos esta parte com uma análise da música “Eu sou a lei” (2009), da banda baiana “Bandeira de Combate”, e atentemos para o que ela nos diz:

O caos é intenso e a baderna impera  
Pobre destino que terá nossa terra  
Política e corrupção andam do mesmo lado  
Pois o Estado impotente é seu maior aliado

A pornografia invade os nossos lares  
Contaminam nossas mentes e poluem nosso ser

# MÚSICA, NEOFASCISMOS E A NOVA HISTÓRIA POLÍTICA: UMA ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DO *HATE ROCK* NO BRASIL (1990-2010)

PEDRO CARVALHO OLIVEIRA

Se não há lei, Se não há lei  
Eu sou a lei, eu sou a lei

Em 1931, através do filme “M – O Vampiro de Dusseldorf”, o diretor alemão Fritz Lang alertava para os rumos que seu país começava a tomar com as investidas políticas do nazismo. Na película, um assassino de crianças é julgado por hordas de ladrões, uma espécie de Estado paralelo – na omissão do Estado oficial quanto à resolução do caso. Constrói-se um tribunal particular, formulando leis próprias e um julgamento longe das vistas do poder oficial.

Os *fasci di combattimento*, criados por Mussolini, ativos a partir de 1919 na Itália julgavam-se injustiçados pelo Tratado de Versalhes, sobretudo pela perda de territórios na região do Adriático; além disso, o suposto descaso do Estado junto aos veteranos da Segunda Guerra Mundial, os “Camisas Negras”, ganharam a simpatia de Mussolini. O fascismo enquanto partido político aparecia como uma Terceira Via, uma dita solução tanto para o crescimento do socialismo, quanto ao liberalismo em decadência<sup>XXIV</sup> e aos Estados que, segundo entendiam, fracassaram.

Voltemos à música: se há caos, baderna, corrupção e impotência do Estado, os compositores dizem que tomarão as rédeas dos problemas e atuarão como juízes, aplicadores de suas próprias leis. Hoje, algumas das páginas do Facebook analisadas pelo estudo da Labic, citado no início do trabalho, recomendam que civis façam o mesmo.

No dia 03 de fevereiro de 2014, um adolescente foi amarrado, espancado e preso nu a um poste.<sup>XXV</sup> Segundo a política, ele cometia pequenos furtos na Zona Sul do Rio de Janeiro e foi agredido por um grupo que denominava-se “Justiceiros”. Aplicaram penas ao jovem sem qualquer aval do Estado, da polícia ou autoridade legal. Um jovem negro e pobre, cujas chances de defesa de que dispunha, fossem elas físicas ou legais, eram mínimas ou inexistentes. O propósito da ação, mesmo que os “justiceiros” não sejam skinheads ou sequer conheçam a banda “Bandeira de Combate”, é legitimado pela música, pois assume uma postura ativa diante da “omissão” das autoridades, numa ação fascista.

Assim sendo, mesmo não havendo referências ao racismo ou ao nazismo, podemos enxergar aspectos fascistas expressos na música. Lembremos que o nazismo, dotado de suas especificidades – como o arianismo, por exemplo -, é um tipo de fascismo. A inexistência de símbolos ou menções diretas aos seus personagens históricos não impede a promoção de suas ideias. No Brasil, como neste caso, se aceita parte dos elementos que compõem estas ideologias a fim de adaptá-lo ao nosso contexto.

Entre os skinheads brasileiros é comum a existência de críticas específicas, tendo em vista o perfil sócio-político local. Por exemplo, é comum criticarem o imperialismo exercido por países europeus e, principalmente, pelos Estados Unidos. Se nestes lugares os indivíduos do chamado “Terceiro Mundo” são muitas vezes rechaçados, acusados de comprometerem o mercado de trabalho ou de interferirem em



**MÚSICA, NEOFASCISMOS E A NOVA HISTÓRIA POLÍTICA: UMA  
ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DO *HATE ROCK* NO BRASIL (1990-2010)**

**PEDRO CARVALHO OLIVEIRA**

suas culturas, aqui as nações imperialistas é que são excluídas por restringirem a liberdade política e econômica do Brasil.<sup>XXVI</sup>

Durante o governo FHC e pouco antes dele, o neoliberalismo, de maneira massiva, privatizou empresas públicas, diminuiu a interferência do Estado na economia e estreitou laços com potências estrangeiras, especialmente os Estados Unidos. Portanto, com o aumento das diferenças sociais provocadas por estes fatores, uma consequência comum ao emprego neoliberalismo, os skinheads observam com repúdio a falta de preocupação com a unidade nacional e a ausência de um pulso firme e autoritário no comando, tal qual ocorreria em um regime fascista.

E se o poder, segundo questionam, não está sendo corretamente exercido, necessitam encontrar culpados. Em alguns momentos, há a crença na existência de conspirações que impedem o exercício do que entendem como liberdade. A banda “Brigada NS”, de São Paulo, nos mostra isto em “Judeucracia” (2001):

Tentando acabar com algum tipo de idealismo  
Que liberte os povos do Sionismo  
A democracia age sempre assim se precisa  
Até a merda da ONU lhe garante esse fim

Todo dia, toda noite eu tenho de suportar  
A tão dita Democracia  
Democraticamente tentando nos calar

Acusar a existência de um “Governo de Ocupação Sionista” (ou *Zionist Occupation Government – ZOG*, na sigla em inglês) é uma tradição para adeptos de movimentos Nacional-Socialistas ao redor do mundo. Trata-se de uma nova roupagem para a velha ideia da “conspiração judaica mundial”, que incluiria meios de comunicação, a polícia, as demais autoridades estatais e instituições administrativas num conjunto de instrumentos dominados por judeus de todo o mundo para mantê-los no poder e destruir a raça branca.<sup>XXVII</sup> Por este motivo, o Estado seria omissos quanto aos seus interesses.

Acreditando firmemente na existência da ZOG, os nazistas do tempo presente – estes, fascistas que evocam seus símbolos: a capa do disco “O Retorno da Velha Ordem”, da banda “Brigada NS”, é ilustrado por uma suástica - questionam a existência dos campos de concentração. É o chamado Revisionismo do Holocausto, que teria como fundamento a existência de um suposto dossiê comprovando a veracidade da conspiração sionista, “Os Protocolos dos Sábios de Sião”.<sup>XXVIII</sup> Dossiê cujo paradeiro é desconhecido e a autenticidade incomprovada.

Estão certos de que o “sionismo” controla a democracia, tornando-a a maior forma de repressão, uma vez que silencia os propósitos da banda voltados para o ódio e a intolerância a uma raça. A Organização das Nações Unidas (ONU) daria suporte para esta prática, estando submetida ao controle dos “sionistas”, respaldando a teoria em argumentos fracos.

# MÚSICA, NEOFASCISMOS E A NOVA HISTÓRIA POLÍTICA: UMA ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DO *HATE ROCK* NO BRASIL (1990-2010)

PEDRO CARVALHO OLIVEIRA

O antissemitismo típico do nazismo é levado à prática em crimes que vão além das ofensas verbais proferidas em músicas. Durante o Terceiro Reich, os judeus tinham seus estabelecimentos e casas violados por tropas nazistas resultando em mortes e fugas. Hoje, muito longe da Alemanha, garotos e garotas montam verdadeiras milícias com o objetivo de destruir sinagogas e agredir judeus, como ocorreria no Rio Grande do Sul e pelo menos outros três estados brasileiros em 2009.<sup>XXXIX</sup>

Estando ou não sob a égide da linguagem que evoca e reverencia os grandes símbolos que explicitam conteúdos nazistas, o discurso fascista deve ser atentamente observado. A ausência do culto a Adolf Hitler ou seus comandados não significa a inexistência do interesse nos fascismos. O que devemos compreender, com o auxílio do gênero que estamos analisando, é que “todos esses grupos, rigorosamente todos, são autoritários, excludentes, visceralmente antidemocráticos, intolerantes, agressivos – o que, cedo ou tarde, acaba por virar fascismo e nazismo.”<sup>XXX</sup>

Como é dito ainda por Peter Gay, “seja nação, província ou cidade, seja região, classe ou cultura – quanto maior o amor por si mesmo, maior o direito de odiar o Outro.”<sup>XXXI</sup> Este suposto direito é enfatizado no *Hate Rock*, através de um exercício contínuo para justificar seus discursos, que procuram desumanizar o sujeito “diferente” para que apliquem a ele as mais nefastas formas de agressões verbais ou físicas. Negasse “o Outro como verdadeiro humano para poder excluí-lo, causar-lhe mal, destruí-lo.”<sup>XXXII</sup> É para isto que este tipo de música existe.

## Considerações finais

Os processos de ressurgimento dos fascismos exigem um olhar histórico cuidadoso, independente de sua distância temporal. A infiltração de movimentos da extrema-direita entre os skinheads, provocando sua cisão num contexto específico e a aproximação deste fenômeno de jovens fascistas com o Brasil, data de um período entre 1978 e 1988.<sup>XXXIII</sup> Se ouvirmos apenas o que diz a imprensa, acabamos, na maioria das vezes, não os distinguindo devidamente e, assim, cometemos um grave erro: atribuir a todos os skinheads, de todas as gerações, as ideologias fascistas.

Tendo em vista a compreensão de fenômenos como este, atualmente a história política vem ganhando vigor dentro dos debates sobre as sociedades contemporâneas. Não devemos entender esta apenas como a história dos grandes reis, presidentes ou chefes de Estado, nem somente as relações entre estes e seus semelhantes, pois o “objeto da ciência política também pode ser considerado como o conjunto de estruturas induzidas das relações de autoridade e de obediência estabelecidas com vista a um fim comum.”<sup>XXXIV</sup> Torna-se necessário pensar um novo conceito de história política.

O agir político passa pelo poder, desprovido de uma instância específica, mas transitando em diferentes âmbitos da sociedade. Por exemplo, quando há disputas entre o Estado e os trabalhadores, onde cada um defende seus direitos e deveres, está sendo feito política.<sup>XXXV</sup> O mesmo vemos a respeito dos grupos de skinheads fascistas que, por meio da música, disputam espaço entre outras ideologias e movimentos, angariando público. Sua forma de agir diante de outros sujeitos sociais é uma ação política. O *Hate Rock* é uma das formas de exercer um discurso político.

# MÚSICA, NEOFASCISMOS E A NOVA HISTÓRIA POLÍTICA: UMA ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DO *HATE ROCK* NO BRASIL (1990-2010)

PEDRO CARVALHO OLIVEIRA

Estes discursos são exercícios de poder, não alinhado ao poder do Estado, exercido principalmente por gangues e bandas de skinheads ligadas aos fascismos. Este agir político passa pelo poder exercido em rede.<sup>XXXVI</sup> As gangues e bandas aproximam-se de um público específico com suas ideologias, agregando novos militantes por meio de sua retórica eloquente que pretende preencher lacunas e sanar problemas supostamente causados por grupos específicos. Neste caso, podemos pensar como as bandas do Sul e Sudeste do Brasil culpam o “outro conveniente”, mencionado por Peter Gay, pelos mais diferentes problemas.

A música é um importante recurso para os grupos neofascistas brasileiros ao passo em que idealizam politicamente o país, tendo como base seus ideais. Não se trata de uma fonte mais ou menos legítima do que os jornais ou qualquer outra fonte de uso comum para o estudo da História Política, mas trata-se de um lugar onde pretensões políticas, sejam elas bem organizadas ou não, são disseminadas. A pressão exercida pela música, junto às práticas intolerantes, nos mostra idealizações de uma tomada de poder ou de um “poder ideal”, seja ele no âmbito estatal ou não.

## NOTAS

<sup>I</sup> Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (CNPq/UFS). Orientador: Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard (DHI/UFS). E-mail: pedro@getempo.org.

<sup>II</sup> SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Jovens, indignados e rebeldes: Uma abordagem comparativa. In: MAYNARD, Dilton C. S.; MAYNARD, Andreza S.C. **Visões do Mundo Contemporâneo Vol. 2**. São Paulo: LP Books, 2013, p. 17-48.

<sup>III</sup> Ver: “Neonazistas ajudam a convocar ato cívico pró-Bolsonaro em São Paulo – Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2011/04/06/neonazistas-ajudam-a-convocar-ato-civico-pro-bolsonaro-em-sao-paulo.htm>> . Último acesso em 07 de abril de 2014, às 16h05.

<sup>IV</sup> Ver: “Rede de interações de páginas policiais no Facebook” – Disponível em <<http://www.labic.net/grafico/rede-de-interacoes-de-paginas-policiais-no-facebook/>> Último acesso em 07 de abril de 2014, às 16h07.

<sup>V</sup> ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Orgs.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 15.

<sup>VI</sup> KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 44.

<sup>VII</sup> FERRO, Marc. **O século XX explicado aos meus filhos**. Trad. Hortencia Santos Lencastre. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

<sup>VIII</sup> MAYNARD, Dilton C. S. **Escritos sobre História e Internet**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011, p. 71.

<sup>IX</sup> BARTOLETTI, Susan Campbell. **Juventude Hitlerista**. Tradução de Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006, p. 30.

<sup>X</sup> O’HARA, Craig. **A filosofia do punk: Mais do que barulho**. Trad. Paulo Gonçalves. São Paulo: Radical Livros, 2005.

<sup>XI</sup> COSTA, Márcia Regina da. **Os carecas do subúrbio: Caminhos de um nomadismo moderno**. São Paulo: Musa Editora, 2000.

<sup>XII</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. **As origens do Fascismo**. Trad. E Org. Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Alameda, 2010, p. 154.

**MÚSICA, NEOFASCISMOS E A NOVA HISTÓRIA POLÍTICA: UMA  
ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DO HATE ROCK NO BRASIL (1990-2010)**

**PEDRO CARVALHO OLIVEIRA**

<sup>XIII</sup> CRUZ, Gisele dos Reis; FILHO, Jeronimo M. de J. Fascismos, modernidade e “pós-modernidade”: A tentação conservadora. In: CRUZ, Natália dos Reis (Org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

<sup>XIV</sup> BIVAR, Antonio. **O que é punk**. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

<sup>XV</sup> GRANDE, Sérgio Vinícius de Lima. **O impacto do rock no comportamento do jovem**. Araraquara: UNESP, 2006, p. 21. Disponível em <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1969/1/tese.pdf>>. Último acesso em 27 de março de 2012, às 19h02.

<sup>XVI</sup> Otto Strausser foi um político alemão ligado ao Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães que, após ser expulso por questionar a liderança de Adolf Hitler, montou um partido dissidente, o *Schwarze Front*, ou *Black Front*, espécie de ala do nazismo contrária ao lado hitlerista. O partido atuou oficialmente entre 1930 e 1934. Strausser foi exilado, mas deu prosseguimento à sua militância (Ver KESTLER, Izabela Maria Furtado. **Exílio e literatura**: Escritores de fala alemã durante a época do nazismo. Trad. Karola Zimmer. São Paulo: EDUSP, 2003).

<sup>XVII</sup> SISTACH, Dominique; LEBOURG, Nicolas. The role of underground music in the renewal of the french radical right-wing. In: SHEKHOVTSOV, Anton; JACKSON, Paul. **White Power Music**: Scenes of extreme-right cultural resistance. Northampton: RNM Publications, 2012, p. 25-34.

<sup>XVIII</sup> HOBBSAWN, Eric J. **Era dos extremos – O breve século XX (1914-1991)**. Trad. Marcos Santarrita. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 127.

<sup>XIX</sup> COSTA, Márcia Regina da. **Os carecas do subúrbio**: Caminhos de um nomadismo moderno. São Paulo: Musa Editora, 2000.

<sup>XX</sup> HOBBSAWN, Eric J. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

<sup>XXI</sup> Ver: “Veja outros casos envolvendo skinheads” – Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u9458.shtml>>. Último acesso em 08 de abril de 2014, às 10h.

<sup>XXII</sup> ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

<sup>XXIII</sup> QUARESMA, João. Skinhead mata menino para ‘limpar a cidade’. Folha de São Paulo, São Paulo.

20 de abril de 1993, p. 03-10.

<sup>XXIV</sup> FALCON, Francisco J. C. Fascismo – Novas e antigas ideias. In: PARADA, Maurício (Org.). **Fascismos**: Conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 11-28.

<sup>XXV</sup> Ver: “Adolescente é espancado e preso nu a um poste no Flamengo”. Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/02/adolescente-e-espancado-e-presos-no-poste-no-flamengo-no-rio.html>>. Último acesso em 08 de abril de 2014, às 10h15.

<sup>XXVI</sup> SOARES DO BEM, Arim. A insustentável identidade dos skinheads tropicais: uma abordagem sociológica. In: BRITO, A. M. B. et al (Org.). **Educação e identidade negra**. Maceió: Edufal, 2005.

<sup>XXVII</sup> LÖÖW, Heléne. **White Power Rock’n’Roll: A Growing Industry**. In: KAPLAN, Jeffrey; TORE, BjØrge. Nation and Race – The developing Euro-American racist subculture. Boston: Northeastern University Press, 1998, pp. 126-147.

<sup>XXVIII</sup> SILVA, Karla Karine de J. Revisionismo em rede: Sítios eletrônicos de extrema-direita e a “reescrita” da História. In: MAYNARD, Dilton C. S. (Org.) **História, Neofascismos e Intolerância**: Reflexões sobre o Tempo Presente. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012, p. 165-191.

**MÚSICA, NEOFASCISMOS E A NOVA HISTÓRIA POLÍTICA: UMA  
ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DO *HATE ROCK* NO BRASIL (1990-2010)**

**PEDRO CARVALHO OLIVEIRA**

<sup>XXIX</sup> Ver: “Neonazistas de 4 estados planejavam articular candidatura e explodir sinagogas”. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/pais/neonazistas-de-4-estados-planejavam-articular-candidaturas-explodir-sinagogas-3151037>>. Último acesso em 08 de abril de 2014, às 10h20.

<sup>XXX</sup> SALEM, Helena. **As tribos do mal** – O neonazismo no Brasil e no mundo. São Paulo: Editora Atual, 1995, p. 54.

<sup>XXXI</sup> GAY, Peter. **O cultivo do ódio**. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 76.

<sup>XXXII</sup> HÉRITIER, Françoise. O eu, o Outro e a intolerância. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise. **A Intolerância**. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 25.

<sup>XXXIII</sup> COSTA, Márcia Regina da. **Os carecas do subúrbio**: Caminhos de um nomadismo moderno. São Paulo: Musa Editora, 2000.

<sup>XXXIV</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. História e poder: uma nova história política? In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 38.

<sup>XXXV</sup> BARROS, José d’Assunção. História social e o retorno do político. In: MATTOS, Julia S.; SCHURSTER, Karl; SILVA, Giselda Brito. **Campos da História Política**: discursos e práticas. São Paulo: LP Books, 2012, p. 10-47.

<sup>XXXVI</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. História e poder: uma nova história política? In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

### **Referências bibliográficas**

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Orgs.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 15.

BARROS, José d’Assunção. História social e o retorno do político. In: MATTOS, Julia S.; SCHURSTER, Karl; SILVA, Giselda Brito. **Campos da História Política**: discursos e práticas. São Paulo: LP Books, 2012, p. 10-47.

BARTOLETTI, Susan Campbell. **Juventude Hitlerista**. Tradução de Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

BIVAR, Antonio. **O que é punk**. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e poder: uma nova história política? In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 37-54.

COSTA, Márcia Regina da. **Os carecas do subúrbio**: Caminhos de um nomadismo moderno. São Paulo: Musa Editora, 2000.

CRUZ, Gisele dos Reis; FILHO, Jeronimo M. de J. Fascismos, modernidade e “pós-modernidade”: A tentação conservadora. In: CRUZ, Natália dos Reis (Org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 21-44.

FALCON, Francisco J. C. Fascismo – Novas e antigas ideias. In: PARADA, Maurício (Org.). **Fascismos**: Conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 11-28.

FERRO, Marc. **O século XX explicado aos meus filhos**. Trad. Hortencia Santos Lencastre. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

**MÚSICA, NEOFASCISMOS E A NOVA HISTÓRIA POLÍTICA: UMA  
ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DO *HATE ROCK* NO BRASIL (1990-2010)**

**PEDRO CARVALHO OLIVEIRA**

- GAY, Peter. **O cultivo do ódio**. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GRANDE, Sérgio Vinícius de Lima. **O impacto do rock no comportamento do jovem**. Araraquara: UNESP, 2006, p. 21. Disponível em <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1969/1/tese.pdf>>. Último acesso em 27 de março de 2012, às 19h02.
- HÉRITIER, Françoise. O eu, o Outro e a intolerância. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise. **A Intolerância**. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 24-27.
- HOBBSAWN, Eric J. **Era dos extremos – O breve século XX (1914-1991)**. Trad. Marcos Santarrita. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBBSAWM, Eric J. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- KESTLER, Izabela Maria Furtado. **Exílio e literatura: Escritores de fala alemã durante a época do nazismo**. Trad. Karola Zimmer. São Paulo: EDUSP, 2003).
- KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- LÖÖW, Heléne. **White Power Rock'n'Roll: A Growing Industry**. In: KAPLAN, Jeffrey; TORE, BjØrge. *Nation and Race – The developing Euro-American racist subculture*. Boston: Northeastern University Press, 1998, pp. 126-147.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. **As origens do Fascismo**. Trad. E Org. Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Alameda, 2010.
- MAYNARD, Dilton C. S. **Escritos sobre História e Internet**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.
- O'HARA, Craig. **A filosofia do punk: Mais do que barulho**. Trad. Paulo Gonçalves. São Paulo: Radical Livros, 2005.
- SALEM, Helena. **As tribos do mal – O neonazismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Editora Atual, 1995.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Jovens, indignados e rebeldes: Uma abordagem comparativa. In: MAYNARD, Dilton C. S.; MAYNARD, Andreza S.C. **Visões do Mundo Contemporâneo Vol. 2**. São Paulo: LP Books, 2013, p. 17-48.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos, Hitler e a sua época: história, personalidade & subjetividade. In: **Seminário Visões do Mundo Contemporâneo: A Segunda Guerra Mundial**. São Cristóvão, 2011, DVD.
- SILVA, Karla Karine de J. Revisionismo em rede: Sítios eletrônicos de extrema-direita e a “reescrita” da História. In: MAYNARD, Dilton C. S. (Org.) **História, Neofascismos e Intolerância: Reflexões sobre o Tempo Presente**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012, p. 165-191.
- SISTACH, Dominique; LEBOURG, Nicolas. The role of underground music in the renewal of the french radical right-wing. In: SHEKHOVTSOV, Anton; JACKSON, Paul. **White Power Music: Scenes of extreme-right cultural resistance**. Northampton: RNM Publications, 2012, p. 25-34.
- SOARES DO BEM, Arim. A insustentável identidade dos skinheads tropicais: uma abordagem sociológica. In: BRITO, A. M. B. et al (Org.). **Educação e identidade negra**. Maceió: Edufal, 2005, p. 100-115.